

FORMAÇÃO COM O COTIDIANO OU POR UMA OUTRA FORMAÇÃO DE 'FAZERSABER' O COTIDIANO.

Rita de Cássia Prazeres Frangella

Como professora-formadora de professores, tenho me dedicado a pesquisar a formação docente nas suas múltiplas dimensões. As histórias vividas/observadas permitem problematizar a questão docente no cotidiano das escolas e se contrapõem a idéia de um magistério "tutelado": uma explicação em que o professor é tomado como ser passivo que para modificar sua prática depende de uma ação externa, sendo destituído da tarefa de pensá-la.

O que isso significa no âmbito da formação? O que é ignorado nessa lógica, o que não é visto dado a *cegueira epistemológica* (Oliveira, 2007) que sustenta tal prática?

Buscando o outro arrisco encontrar-me. Olhando o outro, vejo-me (A.D.; ago/2006).

O fragmento acima é parte do relato de uma professora de uma escola municipal do Rio de Janeiro envolvida em um curso de formação de professores. Sua escrita foi registrada num diário coletivo elaborado pela turma como forma de registro/reflexão das discussões vividas no âmbito dos encontros que visavam principalmente o trabalho com as situações cotidianas vividas/criadas por elas. A autoria coletiva do diário inscreve todos os sujeitos envolvidos nesse encontro numa autoria partilhada da formação, numa rede de ['fazersaber'](#) que se dá no espaço da narrativa.

Com Benjamin (1993) é possível vislumbrar a possibilidade do resgate da narrativa enquanto espaço para intercambiar experiências não a restringindo a mera tagarelice, mas como narração do vivido. Essa narrativa desencadeia um processo de rememoração que torna a troca de experiência possível.

Minha própria narrativa aqui permite inferir sentidos sobre o currículo da formação de professores. Hoje é direito/dever do professor, como estabelece a LDB, a formação continuada. Contudo, essa formação ainda é vista como capacitação, reciclagem e atualização, só que agora com regularidade. Assim pensada, a formação pretende deslocar o professor do seu 'fazersaber' cotidiano, confinando-o num discurso regulador que tem a pretensão de ordenar e disciplinar o fazer pedagógico.

Há que se pensar a formação de professores e o saber que esses têm, pensando-os inseridos em seu contexto de trabalho, entrelaçando as relações que estabelecem em seu 'espaçotempo' de atuação, na tessitura complexa e incontrolável do cotidiano. Pensar dessa forma, remete à formação de professores subvertendo-a num mergulho com todos os sentidos que os permita decifrar o pergaminho (Alves, 2001), na partilha das práticas, saberes, fazeres tecidos nos cotidianos. Assim, penso com Calvino (2000, p. 8), que *não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo.*

Assim, para tratar a formação de professores sem ignorar sua experiência e os saberes/táticas que produzem como praticantes (Certeau, 1999) é necessário pensar uma formação com o cotidiano, que não apenas o tome como "objeto" de análise, mas se enrede na complexidade das invenções feitas, nas relações que se estabelecem para assim poderem vislumbrar propostas significativas de outras formas de fazer, não sobrepostas, mas igualmente inventadas no coletivo, nas redes de colaboração em que se hibridizam práticas e sujeitos. Dessa forma,

a formulação de uma proposta curricular [para a formação docente] poderá ser portadora de um potencial emancipatório se e quando esta for fundamentada em uma epistemologia crítica e suficientemente flexível para manter aberta às possibilidades reais dos professores que a utilizarão, respeitando-lhes os saberes e subjetividades, bem como aos de seus alunos. (Oliveira, 2003, p.83)

Isso implica pensar a formação em rede, no 'espaçotempo' da escola, no, no caráter dinâmico do cotidiano como espaço formativo onde não há "nem um nem outro", mas num espaço dialógico de desarticulação/articulação, onde as negociações enfrentadas são processos produtivos que reconstroem, continuamente, os sujeitos e suas práticas.

Sobre o(a) autor(a):

Doutora em Educação pelo PROPEd/ UERJ. Professora adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp/UERJ; membro do GRPesq Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- ALVES, Nilda. (2001) Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. IN: ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa (orgs.) *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre rede de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A.
- BENJAMIN, Walter (1993). *Obras escolhidas1: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed.
- CALVINO, Ítalo (2000). *Palomar*. Rio de Janeiro, Cia das Letras, 3ª. ed.
- CERTEAU, Michel de. (1999) *A invenção do cotidiano – As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 4a. ed.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. IN: *Educação e Sociedade*. Campinas: Cedes, vol.28, no. 98, p.73-95, jan/abr.
- OLIVEIRA, Inês. (2003) *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro, DP&A.
_____(2007) Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. IN: *Educação e Sociedade*. Campinas: Cedes, vol.28, no. 98, p.47-72, jan/abr.
- Tomo como referência os estudos sobre com os cotidianos (Alves, 2001; Oliveira, 2003; Ferração, 2007) que compreendem que o conhecimento se dá no enredamento, na tessitura de saberesfazeres, ou seja, nas articulações, na complexidade do cotidiano sem dicotomizar, compartimentalizar e cindir produção/aplicação. “É preciso compreender o saber que surge do uso, com sua forma e inventividade próprias.” (Alves, 1999, p. 120).